

DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS? CONSIDERAÇÕES ACERCA DA
TRADUÇÃO DE VARIANTES LINGUÍSTICAS NORTE-AMERICANAS
NEGRAS E BRANCAS PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

*DOUBLE STANDARDS? ON THE TRANSLATION OF BLACK AND WHITE
AMERICAN LINGUISTIC VARIANTS INTO BRAZILIAN PORTUGUESE*



Vanessa Lopes Lourenço HANES*
Universidade Federal Fluminense

Resumo: Nos últimos anos as políticas tradutórias brasileiras têm se transformado, permitindo, aos poucos, maior pluralidade na maneira como os dialetos da língua inglesa são abordados na tradução literária. Entretanto, este leque de opções mais amplo traz consigo maior carga de responsabilidade para o tradutor e maiores consequências na repercussão do produto traduzido. O objetivo deste estudo-piloto é, através de três obras literárias em língua inglesa (*Twelve years a slave*, *The red badge of courage* e *Gone with the wind*) traduzidas recentemente no Brasil (com os títulos *Doze anos de escravidão*, *O emblema vermelho da coragem* e *E o vento levou*), demonstrar como, por vezes, as soluções tradutórias encontradas têm sido diferenciadas para dialetos norte-americanos negros e brancos, elevando o discurso dos brancos ao utilizar o português brasileiro segundo a norma culta, e representando os falares negros através de traços dialetais brasileiros. Desse modo, essas opções tradutórias encobrem a alteridade dos brancos falantes de dialetos da cultura de partida, enquanto se mantém a raramente bem-vinda associação entre negritude e subalternidade.

Palavras-chave: Dialetos norte-americanos. Literatura traduzida. Políticas tradutórias.

Abstract: *Brazilian translation policies have recently been changing, little by little, toward increased plurality regarding English dialects in literary translation. However, this broader range of possibilities has increased the translator's responsibility as well as the repercussions of the translated product. The objective of this pilot study is, using three literary works in English (Twelve years a slave, The red badge of courage and Gone with the wind) recently translated into Brazilian Portuguese (under the titles Doze anos de escravidão, O emblema vermelho da coragem and E o vento levou), to demonstrate how dialect translation solutions in Brazil have differed along racial lines, generally elevating white dialect to standard Brazilian Portuguese and representing black discourse with traces of Brazilian dialects. These translation options, therefore, conceal the otherness of white dialect speakers while maintaining the usually unwelcome association between blackness and subalternity.*

Keywords: *American dialects. Translated literature. Translation policies.*

1. Introdução

As variantes linguísticas enquanto tema de estudo estão longe de ser um assunto de fácil abordagem. E, quando a tradução é acrescentada ao seu debate, desafiadoras questões se colocam para pesquisadores, as quais já há algum tempo têm rendido trabalhos inovadores e com resultados por vezes surpreendentes, nacional e internacionalmente (ver, por exemplo, os estudos conduzidos por Berthele (2000), que aborda a tradução do dialeto negro presente em obras de Mark Twain para o idioma alemão; Määttä

HANES. *Dois pesos e duas medidas? Considerações acerca da tradução de variantes linguísticas norte-americanas negras e brancas para o português brasileiro*. *Belas Infâncias*, v. 6, n. 2, p. 89-104, 2017.

(2004), que lida com a tradução dos dialetos encontrados em *The sound and the fury* de William Faulkner para o francês; e Fagundes (2016), que trata da retradução de variantes linguísticas representadas em clássicos da língua inglesa para o português brasileiro).

90

Parece válido, inicialmente, esclarecer os conceitos centrais utilizados no presente texto: dialeto, registro, variedade e variante. Tais conceitos são definidos de maneiras diversas por diferentes autores, e por isso serão feitos breves esclarecimentos. Halliday (1985) auxilia na compreensão do que se entende por registro e por dialeto. Para este autor, há sempre dois tipos de variação na língua: variações sociais e funcionais. As variações de uma língua ligadas a um grupo social específico, de uma região geográfica específica e com seu próprio sistema léxico, sintático e fonético são chamadas de dialeto (os quais, de acordo com Dubois et al. (1995) podem variar no que se refere à intercompreensão por falantes de diferentes dialetos de uma mesma língua). Já as variações relacionadas às funções para as quais a língua é utilizada, ou seja, a adequação da língua a diferentes contextos, é o que se compreende aqui como registro. Variedades, por sua vez, com base na utilização do termo feita por Lippi-Green (2007) ao mencionar *varieties*, são entendidas como as diferentes formas de manifestação da fala em uma língua, as quais incluem dialetos, socioletos e idioletos. Por fim, o termo variante é adotado aqui como um sinônimo de dialetos, no sentido de referir-se à forma como determinada comunidade de falantes utiliza a língua.

Um dos grandes equívocos cometidos no Brasil ao trabalhar com a tradução de variantes linguísticas é a simplificação demasiada quando se lida com os dialetos traduzidos. Fala-se, por exemplo, simplesmente em “traduzir o dialeto afro-americano”, como se o *African American Vernacular English* fosse um só dialeto, e não, como bem descreve Bailey (2007, p. 29),

o amplo espectro de variedades do inglês usadas pelos afro-americanos, que vão desde o gullah, uma língua crioula falada ao longo das costas da Carolina do Sul e da Geórgia, similar aos crioulos anglófonos falados no Caribe (como na Jamaica), até as variedades idênticas àsquelas usadas pelos brancos¹.

Por vezes parece necessário perguntar o óbvio: quando um estudo se refere ao “inglês do sul dos Estados Unidos”, do que exatamente é que se está falando? O inglês em questão é aquele do Texas ou o das montanhas da Carolina do Norte, por exemplo (já que há diversas diferenças nos falares das duas regiões)? É o inglês falado por quem? É por conta de tais equívocos simplificadores que o título do presente artigo se refere a variantes negras e brancas, em sua forma plural.

HANES. *Dois pesos e duas medidas? Considerações acerca da tradução de variantes linguísticas norte-americanas negras e brancas para o português brasileiro*. *Belas Infieis*, v. 6, n. 2, p. 89-104, 2017.

Entretanto, o objetivo aqui não é tratar da pluralidade dialetal norte-americana por si só, mas sim realizar um breve estudo-piloto para investigar uma hipótese: aquela de que as traduções brasileiras nos últimos anos têm tratado diferentemente os diferentes, tendendo a traduzir dialetos norte-americanos negros de maneira divergente dos dialetos norte-americanos brancos em suas representações literárias em discurso direto. Até aí nada há de surpreendente: uma vez que os dialetos nos textos originários não são iguais, por que não os traduzir de modo diferente, mantendo suas respectivas perspectivas sociais? Entretanto, a hipótese levantada aqui é a de que dialetos brancos e negros dos Estados Unidos têm sido por vezes traduzidos como português segundo a norma culta e português não padrão, respectivamente, o que pode trazer à baila importantes discussões acerca de questões raciais, de empoderamento, dentre tantas outras.

É necessário esclarecer que as representações do discurso oral em obras literárias são compreendidas aqui, realmente, como representações. Certas características primordiais da oralidade não podem estar presentes em representações literárias. As características prosódicas e paralinguísticas da língua falada, por exemplo, são difíceis de se representarem na forma escrita (HALLIDAY, 1985). Britto (2012) também explana que as pessoas falam utilizando sentenças incompletas, redundâncias e outros elementos que geralmente não podem ser representados por escrito, fazendo, deste modo, as representações escritas não corresponderem exatamente à realidade. Portanto, as representações da oralidade analisadas aqui serão consideradas sob a ótica do conceito de “oralidade fingida”, termo cunhado por Goetsch (1985) para se referir à mimese da língua oral em formato ficcional. Ainda assim, entretanto, a hipótese levantada parece válida, diante de uma possível divergência nas representações literárias da oralidade negra e branca em inglês e português.

É bem verdade que, historicamente, até onde foi possível descobrir, as traduções brasileiras de diferentes mídias sempre tenderam a representar qualquer tipo de dialeto norte-americano (ou não) da mesma maneira, a saber, adotando a norma culta do português brasileiro em todas as ocorrências de variantes linguísticas. Isso foi demonstrado, por exemplo, por Milton (2002) no que concerne a obras literárias, ao analisar várias traduções de um dos mais aclamados textos de Mark Twain, *Adventures of Huckleberry Finn*, no qual os principais personagens são um branco e um negro. E, no tocante a obras fílmicas ambientadas no sul dos Estados Unidos, Hanes (2011) retrata como legendas de filmes com personagens brancos e negros foram traduzidas uniformemente, seguindo o português brasileiro padrão.

Há, todavia, casos mais recentes e, até o momento, bem menos frequentes em que o extremo oposto ocorre, como a tradução da mesma obra de Twain acima mencionada, publicada pela editora L&PM em 2011, na qual a tradutora Rosaura Eichenberg também uniformiza o discurso direto dos personagens, porém de maneira inovadora: ela utiliza elementos de um pseudo-dialeto caipira para representar os falares do negro Jim e do branco Huck. Em entrevista concedida a Liberatti e Aio (2012), o linguista Marcos Bagno define o pseudo-dialeto como “um dialeto ‘falso’, ‘fingido’(...). É a recriação artística de uma representação imaginária que o autor tem do que seja a variedade linguística que ele tenta representar” (LIBERATTI; AIO, 2012, p. 208).

A ainda tímida (mas inegavelmente crescente) abertura observada no mercado literário nacional para a representação das variantes linguísticas em traduções literárias utilizando o português divergente da norma culta (ver mais sobre o assunto em Hanes (2015) e Fagundes (2016)) tem resultado em frutos como a tradução de Eichenberg e várias outras. Conforme indicado em Hanes (2013), parece inclusive haver uma estreita relação entre as obras literárias em língua inglesa com grande peso político-social e a maior tendência à utilização do português brasileiro divergente da norma culta para a representação do discurso dos personagens. Entretanto, tem-se observado já há algum tempo que, em algumas traduções a serem trabalhadas na próxima seção, os dialetos norte-americanos são abordados utilizando-se dois pesos e duas medidas: negros e brancos dos Estados Unidos não têm, ambos, falado em dialeto divergente da chamada norma padrão ao serem traduzidos, mesmo que o façam nos textos originais.

2. Metodologia e resultados

Embora o fenômeno aqui mencionado talvez também possa ser observado em outras modalidades tradutórias, como, por exemplo, traduções fílmicas, optou-se pela restrição do presente estudo à análise de literatura traduzida. Empreendeu-se uma busca por exemplos pontuais que ilustrassem a hipótese apresentada em traduções literárias lançadas recentemente no mercado editorial brasileiro. Três obras norte-americanas com representações de dialetos foram selecionadas para análise, juntamente com suas traduções brasileiras: *Twelve years a slave*, de Solomon Northup; *The red badge of courage*, de Stephen Crane; e *Gone with the Wind*, de Margareth Mitchell. Os resultados encontrados são apresentados abaixo.

Definitivamente, um exemplo claro da mencionada diferenciação na representação da fala de negros e brancos seria a tradução de *Twelve years a slave*, lançado no Brasil com o título *Doze anos de escravidão* em 2014 pela Penguin-Companhia, e traduzido por Caroline Chang. Nesta obra autobiográfica em que relata sua jornada desde sua captura e venda ilegal como escravo até a reconquista de sua liberdade, Solomon Northup, original de Nova York, quase não utiliza dialetos para representar sua própria fala, mas lança mão deste recurso para relatar o discurso direto dos sulistas norte-americanos com os quais se depara. Traços dialetais são observados em suas representações escritas tanto na fala dos negros quanto dos brancos da região sul. Porém, na tradução de Chang, somente os negros utilizam flagrantemente a língua divergente da norma culta. Eis aqui um exemplo em que ocorre o uso de dialeto por parte de um personagem branco, o feitor Edwin Epps:

You're fond of moving round – traveler – ain't ye? Ah, yes – like to travel for your health, may be? Feel above cotton-scraping, I 'spose. (NORTHUP, 1855, p. 252)

Você gosta de mudar – viajante, não é mesmo? Ah sim – gosta de viajar por causa da saúde, pode ser? Se sente acima do desbaste de algodão, imagino”. (NORTHUP, 2014, p. 203)

93

É possível perceber que os marcadores dialetais foram apagados, notando-se somente a utilização de uma colocação pronominal incorreta segundo a norma culta (“Se sente”, onde a norma culta exigiria “sente-se”, por se tratar de início de sentença). Esta colocação pronominal provavelmente foi adotada como forma de compensação, para transmitir certo grau de informalidade.

Entretanto, no caso da representação do discurso de uma personagem negra sulista cujo nome foi traduzido como Mãe Phebe (em inglês *Aunt Phebe*), a abordagem difere consideravelmente: enquanto em inglês a personagem afirma “*Massa Epps was g'wuine to sell me to a tanner ober in de Pine Woods*” (NORTHUP, 1855, p. 251), Chang traduz seu discurso como: ““o sinhô Epps” ia me “vendê para um curtidô em Pine Woods”” (NORTHUP, 2014, p. 202). O dialeto do texto originário neste exemplo é, portanto, traduzido utilizando-se uma grafia diferenciada que transmite características dialetais do português brasileiro. A estratégia tradutória de lançar mão de compensações, conforme feito com o discurso de Epps, não parece ser considerada suficiente para esta personagem. O mesmo ocorre com outros personagens negros, como, por exemplo, no trecho abaixo, que representa o discurso do escravo Kentucky John:

“I know’d dey wouldn’t catch him, when he run cross de plantation. O, de lor’, didn’t Platt pick his feet right up, tho’, hey? When dem dogs got whar he was, he wasn’t dar – haw, haw, haw! O, de lor’ a ’mity!” (NORTHUP, 1855, p. 152)

“Eu *sabia* que eles não o pegariam quando saiu correndo pela lavoura. Oh, Sinhô, se Platt não deu sebo nas canelas, hein? Quando os cachorros chegavam onde ele estava, ele não estava mais *lá* – hahaha! Oh, Sinhô Todo-Poderoso!” (NORTHUP, 2014, p. 123)

É perceptível aqui uma elevação do registro geral do discurso em português brasileiro através de conjugações verbais pouco usuais na oralidade, e da concordância verbo-nominal impecável; porém, mesmo assim, representações do português oral como “Sinhô” (lançando mão do que Bowdre (1971) classificaria como um dialeto visual ou *eye dialect*, ou seja, o uso de soletração não-convencional para reproduzir a utilização coloquial da língua) e expressões idiomáticas como “sebo nas canelas” servem para transmitir a ideia do discurso não-padrão utilizado pelo personagem.

É possível ainda encontrar na obra de Northup casos em que dois brancos de localidades diferentes, norte e sul, lançam mão de duas variantes da língua inglesa ao dialogar. Segue um exemplo de diálogo entre os personagens Epps e Bass:

“But this question of Slavery, what right have you to your nigger when you come down to the point?”

“What right!” said Epps laughing; “why, I bought ’em and paid for ’em.”

“Of course you did; the law says you have the right to hold a nigger, but begging the law’s pardon, it lies. Yes, Epps, when the law says that it’s a liar, and the truth is not in it. Is everything right because the law allows it? Suppose they’d pass a law taking away your liberty and making you a slave?”

“Oh, that ain’t a supposable case”. (NORTHUP, 1855, p. 266)

“Mas essa questão de *Escravidão*; que direito o senhor tem a seus negros, afinal de contas?”

“Que direito!” disse Epps, rindo, “ora, eu os comprei, paguei por eles”.

“Claro que sim; a lei diz que você tem o direito de possuir um negro, mas, a lei que me desculpe, ela *mente*. Sim, Epps, quando a lei diz isso, ela está *mentindo*, e a verdade não está nela. Tudo o que a lei permite é certo? Digamos que criem uma lei tirando a sua liberdade e fazendo de você um escravo”.

“Oh, isso não é possível”. (NORTHUP, 2014, p. 214)

Apesar de a fala de Epps ser bem menos marcada do que a de Kentucky John, por exemplo, os traços da variante sulista estão presentes e são facilmente detectáveis (como a utilização de *’em* e *ain’t*, recurso amplamente encontrado em obras de autores como Mark Twain para enfatizar o discurso sulista também de brancos). Todavia, as indicações do uso de uma variante linguística específica por Epps mais uma vez são eliminadas no português, e o

registro de seu discurso é, inclusive, elevado em comparação com o inglês, de maneira que não se percebe uma diferenciação entre sua fala e a de Bass.

Embora a convergência clara do discurso de brancos de diferentes regiões ou ainda de ambas as raças branca e negra tal como observada no texto de Northup seja mais rara, há aquelas obras literárias protagonizadas por negros nas quais eles discursam em português divergente da norma culta no Brasil (como na tradução brasileira de *The Color Purple*, aqui intitulado *A Cor Púrpura*), e, por outro lado, casos em que protagonistas brancos que utilizam dialetos nos textos originários falam sem nenhum traço dialetal nas traduções comercializadas em terras brasileiras. Um exemplo do último caso seria o segundo livro eleito aqui como parte do *corpus*, a tradução de *The red badge of courage* (obra de 1895), intitulado *O emblema vermelho da coragem* em português brasileiro, e publicado pela mesma Penguin-Companhia em 2010, em tradução de Sérgio Rodrigues. Nesta obra, um único negro é mencionado de passagem como um personagem secundário, mas nenhuma outra referência a pessoas daquela raça é observada; porém, a utilização de dialetos é abundante. Segue um trecho que traz o discurso direto do personagem principal, Henry Fleming, um soldado branco do Exército da União, conforme apresentado no original e na tradução brasileira:

“Well,” continued the youth, “lots of good-a’-nough men have thought they was going to do great things before the fight, but when the time come they skedaddled.” (CRANE, 2000, p. 18)

“Bom”, prosseguiu o jovem, “muita gente decente já ficou imaginando que ia fazer e acontecer e, quando chegou a hora, deu no pé”. (CRANE, 2010, p. 61)

Abaixo há outro exemplo, extraído da fala do soldado Jim Conklin, que o contexto da história permite assumir tratar-se de outro indivíduo branco:

“Yeh know,” said the tall soldier, “I was out there.” He made a careful gesture. “An’, Lord, what a circus! An’, b’jiminey, I got shot—I got shot. Yes, b’jiminey, I got shot.” (CRANE, 2000, p. 61)

“Sabe”, disse o praça alto, “eu estava lá”. Fez um gesto cauteloso. “Nossa, meu Deus, que circo! Aí então, por tudo que é sagrado, me acertaram. Acertaram sim. Por tudo que é sagrado, me acertaram”. (CRANE, 2010, p. 107)

E, por fim, eis um exemplo obtido do discurso de um terceiro soldado, Wilson, chamado de soldado gritalhão ou *loud soldier* na história de Crane, sem nenhuma indicação de sua raça no decorrer da história:

“Yeh don’t holler ner say nothin’,” remarked his friend approvingly. “I know I’m a blacksmith at takin’ keer ’a sick folks, an’ yeh never squeaked. Yer a good un, Henry. Most ’a men would a’ been in th’ hospital long ago. A shot in th’ head ain’t foolin’ business.” (CRANE, 2000, p. 87)

“Não precisa dizer nada”, observou o amigo. “Eu sei que cuido de gente doente tão bem quanto um ferreiro, e você não soltou um pio. Você é dos bons, Henry. A maioria já estaria no hospital há muito tempo. Tiro na cabeça não é bobagem”. (CRANE, 2010, p. 138)

Mais uma vez utilizam-se compensações como colocações pronominais incorretas (“me acertaram” após uma vírgula) e expressões idiomáticas (“dar no pé”) para traduzir o dialeto dos personagens brancos. Mas a abundância das ocorrências dialetais fica, de certo modo, imperceptível nas traduções das falas utilizadas como exemplo.

Na terceira obra considerada nesta breve análise, entretanto, a complexidade da temática se aprofunda graças a novos desdobramentos. A obra *Gone with the wind*, de autoria de Margareth Mitchell (publicada originalmente em 1936), aqui intitulada *E o vento levou*, foi traduzida por Marilene Tombini e publicada no Brasil pela Editora Record em 2012 (embora a primeira edição desta tradução date de 2000, e tenha sido oficialmente feita para a Editora Itatiaia). Tombini adota política tradutória semelhante à de Chang, traduzindo somente o discurso dos negros como dialeto. Porém, ao consultar a obra original de Mitchell, a abordagem de Tombini é facilmente explicada: nela, os brancos abastados do sul dos Estados Unidos também não utilizam quase nenhum tipo de dialeto em seu discurso no texto-fonte. Utilizam vocabulário sulista, como *biscuits* para se referir a um tipo de pão específico, por exemplo, mas nunca sentenças completas divergentes do inglês considerado padrão. Eis um exemplo de conversa entre um dos gêmeos Brent e seu escravo Jeems:

“Jeems!”

“Suh?”

“You heard what we were talking to Miss Scarlett about?”

“Nawsuh, Mist’ Brent! Hu come you think Ah be spyin’ on wi’te folks?” (MITCHELL 2008, versão Kindle)

- Jeems!

- Sinhô?

- Você ouviu o que estávamos conversando com a Srta. Scarlett?

- Não sinhô, seu Brent! Como que o sinhô pode achá que eu tava espiano vosmecês branco? (MITCHELL 2015, versão Kindle).

A grande questão aqui é que Mitchell utiliza a soletração não-padrão para representar o discurso dos negros e a soletração segundo a norma culta da língua inglesa para representar a fala dos brancos de classes sociais mais abastadas, apesar de, na realidade, haver diversas

semelhanças fonéticas entre os discursos de ambos os grupos raciais. E, por conta disso, a postura de Mitchell, desde muito tempo, tem sido alvo de críticas. Já em 1944, Earl Conrad afirmava que a abordagem linguística desta autora era típica dos autores sulistas de seu tempo, e servia para reforçar a crença errônea de que negros eram inferiores, donos de um discurso tão ruim que nem mesmo podia ser soletrado adequadamente. E é verdade que, independentemente da motivação por trás da prática de escrita, esta postura é percebida em diversas obras de grandes autores brancos do sul. Joel Chandler Harris, por exemplo, fez um belíssimo trabalho ao representar o discurso negro sulista; segundo o linguista Rodolph Troike, sua representação escrita do dialeto gullah “é extraordinariamente precisa de modo geral, e deve ser reconhecida como o registro extenso mais antigo e válido desta variedade” (TROIKE, 2010, p. 287)ⁱⁱ. Entretanto, em sua obra *Aaron in the wildwoods*, o discurso dos brancos sulistas é representado pelo inglês segundo a norma culta, e quando traços dialetais são inseridos no discurso de personagens brancos trata-se, coincidentemente (ou não?), de personagens com comportamentos moralmente negativos, como o vilão Ben Gadsby, que persegue o fugitivo Aaron sem nenhuma misericórdia.

97

3. Discussão: qual a importância de trazer este debate à tona?

Este debate, ainda embrionário, ilustrado acima através de casos pontuais, aparenta ter sua importância, pois, como coloca Salgueiro (2015, p. 73), existe uma associação entre a forma como “a negritude – ou ‘o ser negro’” se traduz em diferentes contextos e espaços geográficos e “relações de poder, processos de construção identitária colonial e pós-colonial, o surgimento de cânones literários, hegemonia cultural e globalização”. Salgueiro busca enfatizar a tradução como uma atividade desenvolvida em situações sociais e políticas específicas, concretas.

E o que se pretende dizer com isso? No caso ilustrado aqui, fica claro que o “ser negro” tem, em algumas ocasiões, sido traduzido diferentemente do “ser branco” de uma forma que, sob alguns pontos de vista, pode ser tomada como negativa, ressaltando uma posição supostamente superior do branco sobre o negro mesmo quando o autor de uma obra literária busca marcar uma certa “paridade” na representação de seus falares em seu texto original, com ambas as raças utilizando construções linguísticas não-padrão. Assim, o processo de construção identitária de tais textos e personagens no cenário pós-colonial brasileiro é profundamente afetado – e determinado – pela da tradução.

HANES. *Dois pesos e duas medidas? Considerações acerca da tradução de variantes linguísticas norte-americanas negras e brancas para o português brasileiro*. *Belas Infêis*, v. 6, n. 2, p. 89-104, 2017.

Mas por que a representação do negro enquanto falante de um pseudo-dialeto poderia ser vista como negativa no Brasil? Consideremos o que afirma Bagno (2014, p. 7):

De fato, quando comparamos a situação dos negros escravos no Brasil e, por exemplo, nos Estados Unidos, as diferenças ficam bastante claras. Nos Estados Unidos, a profunda e duradoura segregação racial(...) fez surgir uma língua característica dos guetos urbanos das grandes cidades americanas, língua que já foi denominada BEV (*Black English Vernacular*), atualmente designada na literatura sociolinguística como AAVE (*Afro-American Vernacular English*)(...).

Ao contrário dos Estados Unidos, não se pode dizer que no Brasil exista um “português dos negros”: o que existe é uma polarização, decorrente da profunda discriminação social que tem caracterizado a nossa sociedade, entre a língua dos segmentos mais pobres — a maioria da nossa população, composta de brancos e, mais essencialmente, de não-brancos — e a língua dos segmentos mais ricos — essencialmente brancos. As variedades linguísticas mais estigmatizadas em nossa sociedade são faladas por negros, índios, mestiços e brancos com menor acesso a escolarização, ao trabalho e a renda. Embora, no plano social, o Brasil seja um país impregnado de racismo, no plano linguístico as diferenças que separam as variedades urbanas privilegiadas das demais, estigmatizadas, são de ordem socioeconômica: a gramática dos negros pobres e dos brancos pobres é a mesma.

98

Embora o que Bagno diz acima deva ser considerado com certas ressalvas, já que, até certo ponto, ao menos no sul dos Estados Unidos, a gramática dos negros pobres e dos brancos pobres se assemelhe em muitos pontos, a discrepância entre a diferenciação linguística de caráter primordialmente socioeconômico no Brasil e aquela de caráter multifacetado nos Estados Unidos não pode ser ignorada.

Alva e Salgueiro (2010) trazem elementos adicionais ao debate aqui desenvolvido ao mencionarem o que notaram em uma tradução para o português brasileiro de *Their eyes were watching God* (*Seus olhos viam Deus*), de Zora Neale Hurston. Eles afirmam:

(P)ara nossa frustração, observamos que a opção do tradutor foi transcrever os diálogos pujantes do inglês em uma variedade do português das classes menos favorecidas, sem nenhuma nota ao leitor, nenhuma explanação sobre a Autora, sua obra ou sua trajetória ativista. Ou seja, prevaleceram as visões de raça do tradutor, que seriam estendidas a seus leitores, assim como, perdeu-se toda a perspectiva literária original da obra prima de Zora Neale Hurston. Através dessa tradução, o trânsito da negritude no espaço geopolítico Estados Unidos – Brasil, a visão da obra transmitida aos leitores brasileiros se deu de forma absolutamente equivocada, pouco acrescentando ao leitor brasileiro comum sobre a riqueza cultural inerente ao trabalho literário em tela. (ALVA; SALGUEIRO, 2010, p. 86).

Ainda que o inglês em questão nas obras literárias consideradas como *corpus* aqui não seja, como afirma Bagno, necessariamente falado nos guetos das grandes cidades, as diversas variantes dialetais do inglês dos negros norte-americanos surgiram, de certa forma, como uma

resposta à segregação racial. Os negros falavam e falam de modo diferente também por opção, para se identificarem com um grupo específico. Embora fossem, sim, em sua imensa maioria pobres, seu discurso trazia e ainda traz uma carga cultural muito mais ampla (Labov (1972) afirma que suas explorações do inglês vernáculo dos negros precisaram considerar a língua, a cultura, a organização social e a situação política dos jovens negros, todas intrinsecamente ligadas ao seu uso da língua). A tradução do discurso negro utilizando uma gramática divergente da norma culta do português brasileiro resulta em fazer transparecer indivíduos menos favorecidos, que poderiam ser brancos ou negros, e falam assim por serem parte dos segmentos mais pobres da sociedade e não terem tido acesso à educação formal. O peso do posicionamento político e da herança cultural por trás da fala nos originais norte-americanos se perde na tradução.

É natural que surja o questionamento: e por que isso seria negativo? Britto (2012) deixa claro que no Brasil não temos um substituto para o inglês negro norte-americano, e que as perdas na tradução são inevitáveis. Então onde está o ponto negativo de trazer ao público leitor somente parte daquilo que o discurso não-padrão do texto original implica, usando o português não-padrão? A resposta seria que talvez houvesse menos motivos para críticas desde que o mesmo princípio fosse utilizado ao traduzir a fala dos personagens brancos cujo discurso também apresenta a fala não-padrão.

No momento em que os tradutores, ainda que inconscientemente, optam por traduzir a fala dos negros como português não-padrão (afinal de contas, nos livros utilizados como exemplo aqui os negros realmente são escravos com pouca escolaridade, e a língua da camada menos favorecida da população brasileira pareceria adequada), mas traduzem a fala do feitor branco da fazenda, por exemplo, um indivíduo também com baixa escolaridade, ou a fala de um soldado branco de família pobre, originalmente apresentada em dialeto, basicamente segundo a norma culta, ocorre a perpetuação daquilo pelo que Margareth Mitchell foi criticada: da representação do negro enquanto inferior, enquanto o único indivíduo cujo discurso precisa ser radicalmente alterado para que a veracidade do texto transpareça para o público-leitor. Um breve exemplo: como afirma Sidnell (2010), a fala dos negros norte-americanos do sul dos Estados Unidos compartilha diversos elementos com outros dialetos sulistas utilizados pelos brancos. Então por que os tradutores brasileiros optariam por utilizar dois pesos e duas medidas, seguindo a postura dos autores norte-americanos tidos como

preconceituosos, ao traduzir obras de escritores que, como Solomon Northup, fizeram questão de mostrar que brancos e negros utilizavam dialetos?

Não se trata aqui de dizer como traduzir. Somente de refletir sobre as implicações das maneiras como se traduz. O tradutor não pode se eximir da importância de sua prática: como afirma Salgueiro, o fundamental é

ter clareza das redes de poder aí, mais do que nunca, envolvidas, e lembrar que as relações entre língua e poder ao longo das fronteiras culturais revelam (...) o papel decisivo da tradução na redefinição de significados de cultura e identidade étnica. (SALGUEIRO, 2015, p. 74).

100

Há ainda margem para a defesa de uma hipótese contrária: a de que a representação dos dialetos negros através de dialetos brasileiros visa exatamente a reforçar sua unicidade, expressando ainda que parcialmente o “diferente” quando comparado aos brancos, dando, portanto, pistas do posicionamento político-social intrínseco à utilização do dialeto. Ainda assim, entretanto, valeria questionar que os brancos que lançam mão de dialetos em inglês também se sentem “diferentes dos outros”. Em um artigo de Hazen e Fluharty de 2007, eles citam uma moradora das Montanhas Apalaches no sul dos Estados Unidos que afirma: “Eu acho que as pessoas de Nova York e de outros lugares falam de maneira muito engraçada” (HAZEN; FLUHARTY, 2007, p. 50)ⁱⁱⁱ. Pelo contexto é possível deduzir que *funny*, traduzido como “engraçada”, aqui também poderia (ou talvez até deveria) ser traduzido como “esquisita”. Definitivamente esta mulher não se vê representada nos nova-iorquinos. Ou seja: o sentimento de alteridade, de não pertencimento a determinado grupo, não é exclusivo dos negros norte-americanos. Seria, portanto, um equívoco diminuir a importância ou o merecimento de representação da diversidade cultural dos brancos com seus diferentes falares somente por serem brancos. Nas traduções disponibilizadas em português brasileiro, os brancos nova-iorquinos e os brancos das Montanhas Apalaches, em sua grande parte, falam exatamente da mesma forma, embora talvez os primeiros tenham até mais em comum com o discurso de determinados grupos negros do sul dos Estados Unidos do que com aqueles de sua própria raça do norte^{iv}, levando-se em conta a estreita relação já estabelecida entre dialetos e regiões geográficas específicas (ver, entre outros, Johnson e Montgomery, 2007).

Não se pode diminuir a complexidade e a profundidade da questão da representatividade através da fala; entretanto, não é de modo algum fácil encontrar soluções para enfrentá-la na prática tradutória. Apesar da inegável dificuldade, nunca se deve,

HANES. *Dois pesos e duas medidas? Considerações acerca da tradução de variantes linguísticas norte-americanas negras e brancas para o português brasileiro*. *Belas Infieis*, v. 6, n. 2, p. 89-104, 2017.

entretanto, perder de vista que a tradução no Brasil, assim como em qualquer outra localidade, “não acontece em um vácuo, mas em um contínuo; não é um ato isolado, mas parte de um processo em andamento de transferência intercultural” (BASSNETT; TRIVEDI, 2000, p. 2).^v

4. Considerações finais

Embora, como já afirmado, o intuito do presente artigo não seja apontar erros ou acertos na prática tradutória de variantes linguísticas no Brasil, através de uma perspectiva descritivista acredita-se ter sido possível demonstrar que a) ainda que não seja algo sistemático, existe uma diferenciação entre a abordagem do discurso em dialetos negros e em dialetos brancos norte-americanos em algumas traduções produzidas no Brasil, mesmo quando a diferenciação entre dialeto e língua padrão não se encontra presente no original; b) existe a preferência por representar brancos falantes de dialetos norte-americanos como falantes do português brasileiro segundo a norma culta; e c) as opções tradutórias para a tradução de dialetos, independentemente de quais sejam, têm suas consequências não só no estabelecimento da identidade dos personagens cujo discurso é representado, mas também na transmissão (ou não transmissão) de um posicionamento político-ideológico dos autores, da sociedade de origem, da editora responsável pela tradução e do próprio tradutor brasileiro, apenas para citar alguns atores envolvidos neste processo.

É um equívoco ignorar a existência de uma longa história da representação de variantes linguísticas na literatura de língua inglesa, representações estas que enobrecem ainda mais grandes obras literárias e são, até mesmo, o seu cerne. Charles Dickens baseia sua construção de personagens, em parte, na representação do discurso em inglês não-padrão. William Faulkner lança mão do mesmo recurso. E o que dizer, por exemplo, sobre a possibilidade de uma simples padronização segundo a norma culta brasileira na representação da trajetória linguística de Eliza Doolittle, na aclamada peça *Pigmaleão*, de George Bernard Shaw? Uma provável resposta seria “ao fazer isso, perder-se-ia muitíssimo da riqueza da personagem e da própria história”. E esta relação entre perdas e a “limpeza” ou “purificação” da língua nunca deve ser subestimada. A adoção da norma culta como única opção para a representação dos discursos orais não deixa e nunca deixará de ser uma opção tradutória, mas ela sempre terá consequências por não expor o leitorado do texto traduzido a diferentes (e sim, possíveis!) formas de expressão.

Espera-se que o debate iniciado aqui sirva para promover maior reflexão acerca da função determinante do tradutor no estabelecimento de representações culturais no Brasil pós-colonial, para que se perceba cada vez mais que este profissional pode recriar realidades sob uma nova ótica, promover a discriminação ou atenuá-la, empoderar ou enfraquecer um grupo específico aos olhos do público leitor brasileiro, elucidar acerca de uma cultura específica ou perpetuar estereótipos sobre ela, gerar entendimento acerca de uma identidade grupal ou apagá-la parcial ou totalmente.

Agradecimentos

I would like to thank Dr. Kirk Hazen of West Virginia University for his valuable input to this manuscript.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVA, Rodrigo; SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. **Zora Neale Hurston and Their Eyes Were Watching God: the construction of an African-American female identity and the translation turn in Brazilian Portuguese**. Lexington: Lambert Academic Publishing, 2010.

BAGNO, Marcos. Genocídio, migração forçada e contato na formação do português brasileiro. **Revista de Humanidades e Letras**, v. 1, n. 1, p. 4-15, 2014.

BAILEY, Guy H. African American English. In: JOHNSON, E; MONTGOMERY, M. (Ed.). **The New encyclopedia of southern culture**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2007, v. 5, p. 29-35.

BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish. Of colonies, cannibals and vernaculars. In: _____. (Ed.). **Post-colonial translation: theory and practice**. London: Routledge, 2000. p. 1-18.

BERTHELE, Raphael. Translating African-American Vernacular English into German: the problem of 'Jim' in Mark Twain's Huckleberry Finn. **Journal of Sociolinguistics**, v.4, n.4, p. 588-614, 2000.

BOWDRE, Paul Hull, Jr. Eye dialect as a literary device. In: WILLIAMSON, Juanita V.; BURKE, V. M. (Orgs.). **A various language: perspectives on American dialects**. New York: Holt, Rinehart and Winston: p. 178-185, 1971.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CONRAD, Earl. The philology of Negro Dialect. **Journal of Negro Education**, v. 13, n. 2, p. 150-154, 1944.

CRANE, Stephen. **The red badge of courage**. St. Paul: EMC/Paradigm Publishing, 2000.

HANES. *Dois pesos e duas medidas? Considerações acerca da tradução de variantes linguísticas norte-americanas negras e brancas para o português brasileiro*. *Belas Infieis*, v. 6, n. 2, p. 89-104, 2017.

_____. **O emblema vermelho da coragem.** Tradução de Sérgio Rodrigues. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística.** São Paulo: Cultrix, 1995.

FAGUNDES, Cassiano Teixeira de Freitas. **Retraduções de variedades linguísticas da literatura de língua inglesa:** o polissistema brasileiro em transformação. 2016, 133 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

GOETSCH, Paul. Feigned orality in the narrative styles of developed literary cultures+ oral and literate language in the 19th-century novel. **Poetica-zeitschrift fur sprach-und literaturwissenschaft**, v. 17, n. 3-4, p. 202-218, 1985.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Spoken and written language.** Hong Kong: Oxford University Press, 1985.

HANES, Vanessa Lopes Lourenço. **A Tradução do inglês sulista norte-americano em três filmes dos irmãos Cohen:** uma análise descritiva. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

_____. A tradução de variantes orais da língua inglesa no português do Brasil: uma aproximação inicial. **Scientia Traductionis**, Florianópolis, n. 13, p. 178-196, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/27445>>. Acesso em: 22 set. 2014.

_____. **The language of translation in Brazil:** written representations of oral discourse in Agatha Christie. 2015. 308 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/158404?show=full>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

HAZEN, Kirk; FLUHARTY, Ellen. Defining Appalachian English. In: BENDER, M. (Ed.). **Linguistic diversity in the south:** changing codes, practices and ideology. Athens: University of Georgia Press, 2007. p. 50-65.

JOHNSON, Ellen. MONTGOMERY, Michael. Language in the south. In: _____ (Ed.). **The New encyclopedia of southern culture.** Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2007. p. 1-27.

LABOV, William. **Language in the inner city:** Studies in the Black English vernacular. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIBERATTI, Elisângela; AIO, Michelle de Abreu. Entrevista com o Professor Marcos Bagno. **In-Traduções**, v.3, n. 5, p. 208-211, 2012.

LIPPI-GREEN, Rosina. **English with an accent** – language, ideology and discrimination in the United States. New York: Routledge, 2007.

HANES. *Dois pesos e duas medidas? Considerações acerca da tradução de variantes linguísticas norte-americanas negras e brancas para o português brasileiro.* *Belas Infêis*, v. 6, n. 2, p. 89-104, 2017.

MÄÄTTÄ, Simo K. Dialect and point of view: the ideology of translation in The sound and the fury in French. **Target**, v. 16, n. 2, p. 319-339, 2004.

MILTON, John. **O clube do livro e a tradução**. Bauru: EDUSC, 2002.

MITCHELL, Margareth. **Gone with the wind**. Prabhat Books, 2008 [versão Kindle].

_____. **E o vento levou**. Tradução de Marilene Tombini. Rio de Janeiro: Record, 2015 [versão Kindle].

NORTHUP, Solomon. **Twelve years a slave**. New York: Miller, Orton & Mulligan, 1855.

_____. **Doze anos de escravidão**. Tradução de Caroline Chang. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Traduzir a negritude: desafio para os estudos de tradução na contemporaneidade. **Cadernos de Letras da UFF**, v.24, n. 48, p. 73-90, 2015.

SIDNELL, Jack. **African American vernacular English (Ebonics)**. Disponível em: <<https://www.hawaii.edu/satocenter/langnet/definitions/aave.html>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

TROIKE, Rudolph C. Assessing the authenticity of Joel Chandler Harris's use of Gullah. **American Speech**, v. 85, n. 3, p. 287-314, 2010.

104

RECEBIDO EM: 17 de março de 2017

ACEITO EM: 8 de novembro de 2017

PUBLICADO EM: dezembro de 2017

* Vanessa Lopes Lourenço HANES. Doutora (2015) e Mestre (2011) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Serviço Social (2004) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora Adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5474020047235421> E-mail: vanessahanes@gmail.com

ⁱ “*the wide spectrum of varieties of English used by African Americans, ranging from Gullah, a creole language spoken along the coasts of South Carolina and Georgia that is similar to Anglophone Creoles spoken in the Caribbean (as in Jamaica), to varieties identical to those used by whites*”. Todas as traduções são minhas.

ⁱⁱ “*is extraordinarily accurate in most respects, and should be recognized as the earliest extensive valid record of this variety*”.

ⁱⁱⁱ “*I think them people in New York and some of them places, I think they talk real funny*”.

^{iv} Em contato pessoal estabelecido pela autora via e-mail com o sociolinguista norte-americano Prof. Dr. Kirk Hazen, da West Virginia University, para busca de informações a respeito da percepção de diferenças linguísticas e regionais nos Estados Unidos, o mesmo afirmou: “*It makes no sense to only find one social divide in the USA. Regional divides, social class divides, and educational divides are constant themes in US literature*” [Não faz sentido nenhum encontrar somente uma divisão social nos EUA. Divisões regionais, de classes sociais e educacionais são temas constantes na literatura norte-americana]. E, em outro momento, Hazen afirmou que: “*for anyone in the US, the Northerner and the White Southerner are as culturally different as the slave is from either*” [para qualquer um nos Estados Unidos, o nortista e o branco sulista são tão culturalmente diferentes quanto o escravo o é com relação a ambos].

^v “*does not happen in a vacuum, but in a continuum; it is not an isolated act, it is part of an ongoing process of intercultural transfer*”.

HANES. *Dois pesos e duas medidas? Considerações acerca da tradução de variantes linguísticas norte-americanas negras e brancas para o português brasileiro*. *Belas Infêis*, v. 6, n. 2, p. 89-104, 2017.